

O discurso da mineração sustentável: uma análise sobre uma propaganda da BAMIN (2021)

The sustainable mining discourse: an analysis of an BAMIN's advertising (2021)

Andréia Muniz Lisboa¹
Paula Ramos Ghiraldelli²
Thiago Barbosa Soares³

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise discursiva sobre uma propaganda audiovisual da empresa Bahia Mineração Ltda (BAMIN⁴), produzida em 2021. O objetivo é identificar os mecanismos discursivos que sustentam o discurso da mineração sustentável como fator de desenvolvimento econômico, carro chefe da propaganda. O aporte teórico-metodológico empreendido ancora-se no campo de saber Análise do Discurso (AD), sobretudo, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux (1993, 2011, 2014) e Orlandi (2007, 2009, 2015). A análise discursiva não se realiza de forma sistemática pela separação estável entre teoria e metodologia: o objeto deve ser confrontado pela teoria (GREGOLIN, 2004), ou seja, a partir do emprego do instrumental próprio, ferramentas teóricas e metodológicas. Aqui, foram utilizadas as noções de condições de produção, formações discursivas e formação imaginária. Tais conceitos permitem compreender os sentidos gerados pela composição audiovisual do objeto, verificando como engendram aspectos sócio-históricos, políticos, ideológicos; dispõem uma configuração de dizeres permitidos pela base ideológica da propaganda e; produzem imagens discursivas que operam como legitimadoras do discurso em questão. Os gestos de descrição e interpretação analíticos mostraram, como resultados, que as formações imaginárias são construídas, na propaganda, pelos traços do cuidado e de trabalho; além de uma formação discursiva voltada para a política de segurança e sustentabilidade ambiental na mineração, centro da proposta de inovação no setor mineral e melhoria na economia do país, mobilizada pelo discurso da mineração à seco. A movimentação de sentidos na materialidade instaura instâncias discursivas revela que o discurso da mineração à seco, como grande potencial econômico e de segurança ambiental, aforiza os silenciamentos a respeito dos impactos socioambientais sobre os quais as condições da propaganda emergem, colocando em xeque as tais práticas que se dizem sustentáveis.

Palavras-chave: Análise do Discurso Materialista. Sustentabilidade. Mineração à seco. Modo de produção capitalista.

Abstract: This paper presents a discursive analysis of an audiovisual advertisement by the company Bahia Mineração Ltda., produced in 2021. The objective is to identify the discursive mechanisms that support the discourse of sustainable mining as a factor of economic development, the main thrust of the advertisement. The theoretical-methodological is anchored in the field of Discourse Analysis knowledge, based on works derived from Michel Pêcheux (1993, 2011, 2014), Orlandi (2007, 2009, 2015). The discursive analysis is not carried out systematically through the stable separation between theory and methodology: the object must be confronted by theory (GREGOLIN, 2004), that is, through the use of its own instruments, theoretical and

¹ Bolsista Capes e mestranda em Letras pela *Universidade Federal de Tocantins* (UFT), Porto Nacional, Tocantins, Brasil.

² Bolsista Capes e mestranda em Letras pela *Universidade Federal de Tocantins* (UFT), Porto Nacional, Tocantins, Brasil.

³ Possui graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009), em Psicologia pela Universidade Paulista (2014) e em Filosofia pela Universidade de Franca (2014), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018).

⁴ O *link* para a referida propaganda está disponibilizado na seção de Referências deste texto. Em prol da melhor compreensão desta investigação, recomenda-se o acesso, para visualização prévia do objeto.

methodological tools. Here, the notions of production conditions, discursive formations and imaginary formation were used. Such concepts allow understanding the meanings generated by the audiovisual composition of the object, verifying how they engender socio-historical political and ideological aspects; they have a configuration of sayings allowed by the ideological basis of propaganda and; they produce discursive images that operate as legitimizers of the discourse in question. As results, its observed that the imaginary formations are built by the traces of care and work, and the discursive formation is focused on the policy of safety and environmental sustainability, the center of the proposal for innovation in the mineral sector and improvement in the economy of the country, mobilized by the discourse of dry mining. The movement of meanings in materiality establishes discursive instances that show that the discourse of dry mining as a great economic potential and environmental safety strengthens the silencing regarding the socio-environmental impacts above which the conditions of the advertisement emerge, questioning such practices that are claimed to be sustainable.

Keywords: Materialist Discourse analysis. Sustainability. Dry mining. Capitalist mode of production.

1 INTRODUÇÃO

E virá a companhia inglesa e por sua vez comprará tudo / e por sua vez perderá tudo e tudo volverá a nada / e secado o ouro escorrerá ferro, e secos morros de ferro / taparão o vale sinistro onde não mais haverá privilégios... (ANDRADE [1938], 1995).

Os acordos políticos e financeiros dos grandes centros econômicos permitiram que o capitalismo se consolidasse como hegemônico ou seja, o único modo de produção que gere o trabalho e, portanto, lutas de classe, no mundo moderno. Tal hegemonia é, de acordo com as correntes do marxismo histórico, permeada pela ideologia que compele os indivíduos em sujeitos, assujeitando-os (ORLANDI, 2009). Na prática discursiva, as formações ideológicas (no caso, capitalistas) se manifestam por meio do que Pêcheux (2011) chama de formações discursivas, ou seja, um conjunto de regras que determinam a possibilidade do dizer em dada conjuntura. Diversas são as tipologias e gêneros discursivos, mas, de uma forma ou de outra, todas se organizam sob à esteira do capital – seja para favorecê-lo ou para criticá-lo. Mesmo em momento em que a soberania do capitalismo não era absoluta, a variedade discursiva que se estabeleceu contribuiu para pavimentar seu caminho, inclusive a partir da oposição, como a reflexão proposta por uma formação ideológica socialista. Nessa perspectiva, é possível mencionar o poema *Claro Enigma*, de Carlos Drummond, que compõem a epígrafe deste trabalho e está inserida no contexto brasileiro do pós-modernismo, no final da década de 40, em que implicações socioeconômicas da época geram frutos na literatura.

O momento é marcado, no exterior, pelo entreguerras e a consolidação do regime socialista russo. No Brasil, essas questões se refletem por meio do acirramento da luta de classe entre os detentores do meio de produção e os trabalhadores, na medida em que a industrialização se acentua. Em *Claro Enigma*, a tessitura literária é embebecida per essa disputa ideológico-política, promovendo o convite à reflexão sobre o modo de produção capitalista, em que o espaço/território é apropriado por meio de vendas e trocas, garantindo, para alguns, o privilégio de usufruir da terra e explorá-la, e tendo, como uma de suas consequências, o esgotamento dos recursos naturais e exploração da mão de obra. Na conjuntura da expansão capitalista no campo – apontada criticamente por Drummond

–, emerge, então, o discurso do desenvolvimento como a solução para o crescimento local e nacional, através do qual a exploração desenfreada da terra e da mão de obra humana se torna medida primordial. É sob esse jogo discursivo que grandes projetos do capital são instalados no campo, tendo como principal objetivo a transformação da terra, dos recursos naturais e da força de trabalho em mais-valia. Dentre eles, o projeto da mineração, no qual as contradições entre os interesses dos empresários e do produtor rural se moldam, revelando os conflitos entre a instância econômica e a tradição camponesa.

O modo de produção e consumo via mineração, no Brasil, é um dos lugares em que os projetos do capital se instalam, sendo colocado como o apogeu das relações econômicas do país, chave para o desenvolvimento, uma vez que opera em quase todo território nacional. Devido aos recorrentes crimes socioambientais – por exemplo, o rompimento da Barragem de rejeito de Mariana (MG), em 2015, e de Brumadinho (MG), em 2019, –, as empresas de mineração têm buscado dispor do que consideram uma via de desenvolvimento econômico sustentável: a mineração à seco⁵ Nesse movimento, o discurso voltado para a sustentabilidade mineral ocorre como uma das facetas do discurso econômico e de segurança, ampliando sua possibilidade de legitimação e aceitação. É fruto de um processo histórico da mineração ligado à superexploração dos recursos naturais e mais-valia, o que é abordado pelo poema do qual se extraiu a epígrafe desse trabalho. A temática que norteia o texto de Drummond abre um parêntese para a discussão a ser aqui tecida: o discurso da mineração como a grande proposta de desenvolvimento econômico ancorado a uma formação discursiva de política de segurança e sustentabilidade ambiental.

Este artigo apresenta uma análise discursiva de uma propaganda audiovisual da empresa de mineração – a Bahia Mineração Ltda (BAMIN) – que tem por foco a proposta da mineração à seco como forma de inovação tecnológica e sustentável no setor mineral. A BAMIN está instalada no Município de Caetité, no sudoeste da Bahia desde 2007. A propaganda foi produzida em 2021, e está disponível no canal oficial da empresa, no Youtube. O objetivo da análise é verificar, na propaganda, como o argumento da mineração sustentável ancorado ao discurso de sustentabilidade ambiental se dispõe por meio de mecanismos discursivos que, ao serem ressignificados na sociedade, corroboram com a expansão de projetos dessa natureza no campo. Para tal, será utilizado o ferramental teórico-analítico da Análise do Discurso (AD) em sua vertente materialista. A AD é uma teoria da interpretação (SOARES, 2018) que tem como objeto o discurso, ou seja, o ato de linguagem inserido em conjuntura sócio-histórica e ideológica (ORLANDI, 2009). Este campo do conhecimento estuda o processo de produção de sentidos dispostos, considerando sua não linearidade, mas dados por um caminho heterogêneo a partir do contexto em que emerge.

Assim sendo, a análise discursiva não se realiza de forma sistemática pela separação estável entre teoria e metodologia: o objeto deve ser confrontado pela teoria (GREGOLIN, 2004). Dito de outro modo, a AD lida com processo de interpretação que

⁵ A modalidade de beneficiamento de minério à seco será detalhada na terceira seção desse trabalho. Por ora, basta dizer que ela se atrela ao discurso do desenvolvimento sustentável, uma vez que sua ocorrência é assim discursivizada pelas empresas mineradoras.

se constitui no emprego do instrumental próprio, ferramentas teóricas e metodológicas. Dentre as noções mobilizadas pela AD, estão as de condições de produção, formação discursiva e formações imaginárias (PÊCHEUX, 1993; 2011) – a quais serão operadas no objeto a fim de que se possa cumprir com o objetivo aqui estabelecido. De forma sucinta, as condições de produção discursivas correspondem às circunstâncias sócio-históricas e ideológicas, sob os quais o discurso emerge, produzindo sentidos. Não obstante, Pêcheux (1993) descreve o discurso como “efeitos de sentido entre A e B” (PÊCHEUX, 1993, p. 81), ou seja, os sentidos gerados por sujeitos discursivos atravessados pela história e, portanto, pela ideologia. Já a noção de formação imaginária leva em conta as imagens projetadas no processo de produção do discurso, o “feixe de trações que designam o lugar que A e B atribuem a si e ao outro” (PÊCHEUX, 1993, p. 82). Envolve, portanto, a antecipação (cálculos) sobre a posição que os sujeitos discursivos ocupam, preenchendo as condições internas em que o discurso é produzido.

Outro conceito que será, aqui, aplicado ao objeto é o de formação discursiva, que, conforme dito logo no início deste estudo, caracteriza-se por um conjunto de regras, “o que pode ser dito [sob um formato enunciativo] [...] a partir de uma dada posição em um dado lugar” (PÊCHEUX, 2011, p. 73). Assim, a formação discursiva está, de certo modo, implicada à formação imaginária e, quando analisadas, juntas, permitem o desmembramento das condições de produção externas e internas do discurso. Tais conceitos serão mais bem trabalhados durante a análise do objeto. Por ora, basta dizer que, com tal ferramental, intui-se compreender os sentidos gerados pela composição audiovisual da propaganda, verificando como engendram aspectos sócio-históricos, políticos ideológicos; dispõem uma configuração de dizeres permitidos pela base ideológica da propaganda e; produzem imagens discursivas que operam como legitimadoras do discurso em questão. Esses são objetivos específicos que irão permitir a caracterização do discurso da mineração sustentável na propaganda. Além disso, a compreensão dos mecanismos de produção de sentidos implica não apenas lançar a mão da materialidade verbal: há discursos também nos elementos imagéticos e sonoros.

Em termos gerais, a propaganda de produção mineral da BAMIN, na Bahia, é narrada por uma voz feminina; também conta com um aparato musical ao fundo, que acompanha a narração, e apresenta imagens relativas ao trabalho da mineração em um cenário, à primeira vista, tropical. Esses elementos dizem sobre a proposta da BAMIM, carecendo, assim, de investigação e serão colocados sob a lupa da análise. A propaganda será, ainda, metodologicamente dividida em dois momentos: um primeiro, que tem por foco o trabalho maquinário da mineração e, outro, em que o elemento da sustentabilidade é representado por lugares, pessoas e outras formas de vida. A partir dessa divisão, serão delineadas as condições de produção internas ao discurso, sob as quais é possível depreender as projeções de lugar dos sujeitos do discurso – ou seja, as formações as imaginárias (PÊCHEUX, 1993) – e, portanto, as regras que organizam e possibilitam o processo de produção discursiva do objeto, dadas a partir da inserção do sujeito em um determinado lugar – as formações discursivas (PÊCHEUX, 2011). Associada ao desmembramento das formações imaginárias e as formações discursivas da referida, está a delimitação das condições de produção externas à propaganda.

Ademais, a escolha pela propaganda da referida empresa se dá pelo alto volume de exploração que a coloca em um elevado *ranking* entre as empresas em operação no Alto Sertão da Bahia. Acrescenta-se que a BAMIN é, atualmente, uma empresa multinacional cujo papel é expressivo tanto no cenário brasileiro da mineração, quanto mundial. Tais fatores tornam a análise do discurso da mineradora relevante no que se compete ao quesito institucional, da mineração enquanto uma das instituições do capital, sob o qual é realizado. Considera-se, portanto, pertinente compreender o discurso da sustentabilidade ambiental em uma empresa de iconicidade e destaque nessa questão, uma vez que representa a expressão da mineração em um cenário globalizado, acarretando maior destaque, inclusive discursivo. Assim, na próxima seção, será feita a análise discursiva da propaganda de BAMIN (BAMIN, 2021) sobre seu projeto de mineração sustentável, aplicando-se a ela os conceitos apontados. Na última seção, de considerações finais, serão tecidas algumas reflexões depreendidas do processo investigativo.

2 PROPAGANDA DE PRODUÇÃO MINERAL DA BAMIN: CAPITAL E SUSTENTABILIDADE

Conforme dito anteriormente, esta seção destina-se a análise da propaganda audiovisual da mineradora BAMIN (BAMIN, 2021), uma peça audiovisual disponível na plataforma *streaming* do Youtube, datada de 2021 e contendo 2min. 41s. de duração. Antes disso, é preciso inicialmente fazer algumas inserções quanto ao gênero propaganda, do qual o objeto faz parte. De acordo com a definição de Costa e Mendes (2012), o conceito refere-se à “propagação de ideias, principalmente políticas, deixando de lado os produtos comerciais. [...] engloba os discursos político, ideológico, religioso, institucional [...], [sendo] voltada para a esfera dos valores éticos e sociais (COSTA; MENDES, 2012, p. 3). Para que esses valores sejam cooptados pelo enunciário e o discurso funcione, a propaganda dispõe de imagens, projeções de um enunciador e um enunciário, ou, pelo menos, projeções que permitam que o público verifique, ali, uma percepção de mundo que faz elo com alguma realidade familiar. Essas projeções, que Pêcheux (1993) denomina formações imaginárias, estão dispersas, na propaganda da BAMIN, para além de escolhas verbais, por sons e imagens, o que facilita sua depreensão.

O primeiro segmento do vídeo percorre do início ao 1min53s. do objeto, constituindo sua maior parte. Nela, verifica-se a presença de escavadeiras e aparelhagens próprias (Figura 1, abaixo) para extração do minério, seu transporte, enfim, todo o trabalho maquínico relativo ao procedimento da mineração. Principalmente, traz a presença das toneladas de minérios sendo extraídas. A expressiva presença do elemento máquina em detrimento do humano, nesse trecho, ocorre discursivamente, como um mecanismo de silenciamento, em que a evidência de um determinado recurso e a supressão de outro gera determinado sentido (ORLANDI, 2007), compondo uma narrativa em que certos assuntos são convenientemente ocultados. No caso, a supressão em torno do ‘humano’ coloca em perspectiva a atuação tecnológica, objetiva da empresa, caracterizando-a como comprometida com o trabalho e com o desenvolvimento a ele inerente. Ou seja, a propaganda elabora uma imagem discursiva do enunciador, a BAMIN,

como uma entidade focada na maior relação existente na sociedade capitalista: a atuação do homem na natureza por meio do trabalho (RODRIGUES, 2000).

Figura 1 – Ferramentas de trabalho na extração mineral



Fonte: BAMIN (2021), *printscreen* elaborado pelas autoras (2023).

O trabalho como máxima social é, assim, o valor ofertado pela propaganda. Permite que o enunciatário estabeleça vínculos positivos com a empresa, antecipando sua imagem de inserida na sociedade pós-moderna. A presença da ‘máquina’ é crucial para enfatizar o aspecto da objetividade que proporciona o desenvolvimento. Ao longo da história, em prol da sobrevivência, o homem produz ferramentas para manipulação do mundo natural (RODRIGUES, 2000). Essas ferramentas se desdobram, na atualidade, em maquinários complexos – como as escavadeiras da propaganda. Ocorrem, portanto, estrategicamente como símbolo do futuro, da inovação tecnológica como frutos da operação humana sobre o mundo (representado pelo minério de ferro), qualificando o enunciador. Simultaneamente em que cria sua própria imagem, a propaganda se espelha em um público. Antecipa sua imagem, uma imagem baseada em relações capitalistas de trabalho, e assim se dão as formações imaginárias da propaganda, voltadas para uma base ideológica do capital, em que o trabalho é a espinha dorsal da sociedade. O mecanismo discursivo do silenciamento humano ocorre, então, de forma peculiar: oculta a imagem humana, suprimindo a relação homem-natureza, para evidenciar o trabalho em uma perspectiva máquina (ferramenta)-natureza.

Com isso, deixa de lado as emoções tipicamente humanas que cerceiam o trabalho e, juntamente com elas, as incoerências e mazelas da mineração sobre o trabalhador. Conforme explica Coelho (2015), com avanço de megaprojetos do capital no campo, a composição orgânica capitalista não está mais relacionada tão somente a exploração da mais-valia, haja vista a sua “mirada financeirizada e a preponderância do trabalho morto (maquinário) sobre o trabalho vivo (humano) para exploração de matéria-prima” (COELHO, 2015, p. 14). Destaca-se que história do projeto mineral brasileiro sempre esteve intrinsecamente ligada a um grau elevado de exploração de recursos minerais e da classe trabalhadora que é, desde então, submetida a extensas horas de trabalho árduo, sem mencionar outros tantos impactos socioambientais imbuídos nesse modelo mineral. Assim, os “recursos naturais e humanos são jogados numa mesma lógica ensandecida da

expansão capitalista sem precedentes” (COELHO, 2015, p. 13). Não obstante, o silenciamento simultâneo das emoções humanas e mazelas provenientes do modo de produção (capitalistas), no objeto, colocam, essas questões em um mesmo patamar: abaixo da objetividade e da seriedade que devem cercar o capital em prol do desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a presença de apenas um ou dois trabalhadores, uniformizados (não individualizados) em oposição à vasta quantidade de máquinas e minério opera, na propaganda, compõe o feixe de traços das projeções entre enunciador e enunciatário, mas não só, também evidencia uma formação social, um modo de produção moderna e tecnológica em que as relações sociais estão postas e sob as quais a mineração acontece. Outros fatores que cooperam, nesse primeiro momento, para as formações imaginárias da propaganda serão tratados agora. Junto às imagens, verifica-se uma narração feminina que discorre sobre a capacidade de extração da BAMIN, metas de operação, sobre sua localização e o caminho pelo qual o minério retirado é transportado – a BA-156, local de ponto origem de muitas comunidades camponesas. A presença da voz feminina remete à universalidade, e gera o efeito de amabilidade, de doçura e acolhimento remetida socialmente ao feminino e, portanto, à maternidade. Caracteriza o enunciador em uma perspectiva materna, compactua com a relação entre feminino e cuidado com o território brasileiro. Tais aspectos aproximam o enunciatário – uma forte necessidade da propaganda, haja vista que visa ofertar valores ideológicos, no caso, do trabalho do campo no mundo capitalista.

A voz feminina ameniza, portanto, o caráter ideológico, facilitando sua aceitação. A música de fundo demarca aspectos relativos ao desenvolvimento, na medida em que suscita emoções permitidas pelo classicismo dos violinos que a compõe. A movimentação do arco sobre as cordas remete à continuidade dos movimentos sistemáticos e, juntamente com os outros elementos, associa-se ao trabalho. “A música não-diegética [aquela cuja fonte não se apresenta na narrativa, como a trilha sonora] [...] nos conduz pela mão na história que está sendo contada” e “interferindo no modo como percebemos os diferentes momentos dramáticos” (DUARTE, 2002, p. 47 e 48). Já as formas sonoras “diegéticas” – proveniente de sujeitos e objetos da narrativa” tem o objetivo de reforçar o realismo, pois simulam experiências do mundo real (DUARTE, 2002). Os efeitos sonoros da propaganda, compõe, assim, um conjunto de sentidos que caminham entre o materno, o trabalho e o desenvolvimento, e projeta o enunciador na imagem da mãe trabalhadora. Em consonância, o procedimento descritivo do percurso do minério no interior da Bahia compactua com o elemento do cuidado dessa primeira parte da propaganda: gera efeito explicativo, de didatismo, e desliza os sentidos de modo atenuar as marcas ideológicas, permitindo a elas maior aceitação.

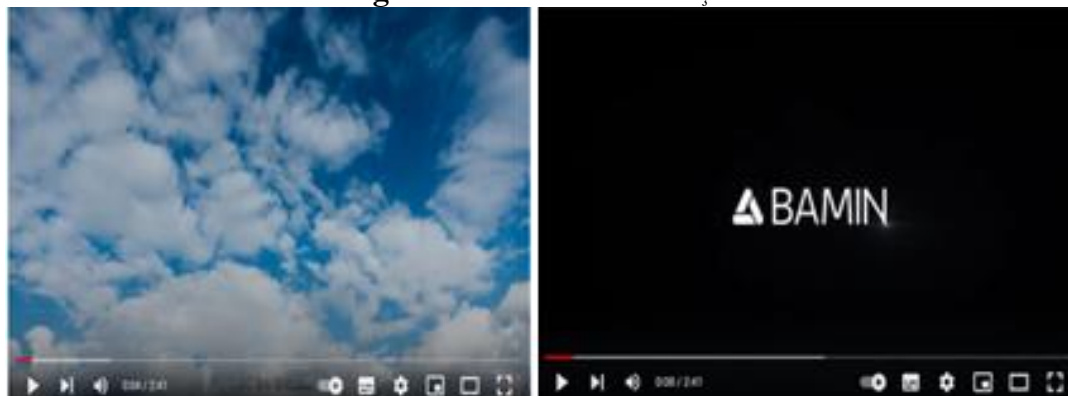
Também coloca o enunciador na perspectiva do domínio de suas ações, do conhecimento sobre o local, em um movimento igualmente materno: ninguém conhece melhor seus filhos do que a mãe. Nesse caso, a imagem dos filhos da mãe pátria liga-se ao minério, mas também atinge os enunciatários brasileiros, sendo a BAMIN provedora da inovação no sudoeste baiano. A evidência do território baiano (por meio do trajeto do ferro) se remete às condições de produção externas da propaganda, em que a construção

dos estados brasileiros, antes de sua formação atual, está entrelaçada com a prática extrativista iniciadas no território que hoje é o estado da Bahia. A conjuntura histórica da mineração no Brasil tem suas bases formativas na Bahia. De acordo com Antonino (2017), as primeiras investidas no território baiano datam a década de 1570, nas serras de Jacobina, pelos colonizadores portugueses em busca de metais preciosos. A resistência indígena do Payaías foi uma forte barreira para postergar a investida colonial no estado. Entretanto, nesse processo de apropriação do território, muitos indígenas foram mortos e escravizados (ANTONINO, 2017). Somente, em 1930 que empresas estrangeiras se alojam efetivamente na Bahia a iniciar o processo de extração de minérios (ANTONINO, 2017).

Esse processo foi se ampliando ao ponto que, hoje, a Bahia é o estado brasileiro que ocupa a quarta posição no ranking na extração mineral do Brasil (CBPM, 2021). As condições geológicas de formação do estado garantem uma diversificada produção mineral. Nos últimos anos, mais de 250 municípios baianos entram na lista de produção e extração com mais de 60 tipos de minerais (GEOGRAFAR, 2021). Assim, a Bahia torna-se, no Brasil, expoente em termo de mineração, a ser considerada uma marca da constituição como estado. Ao ser evidenciada, por meio da demonstração do trajeto do minério, tal notoriedade remete aos sentidos da tradicionalidade harmoniosa. Confere à mineração na Bahia um processo clássico, típico, que silencia discursivamente quaisquer aspectos referentes à violação dos povos originários durante a instalação das mineradoras, ou mesmo das lutas de classe referentes às relações humanas no trabalho – apontadas por COELHO (2015). Mas não só: associando a mineração à Bahia, a propaganda atribui certo nacionalismo à mineradora BAMIN, em um movimento de brasilidade que coopera com o aspecto maternal da propaganda, uma vez que conecta o feminino da voz narrativa (dito anteriormente) ao território nacional.

Insero, dessa forma, a BAMIN em um contexto brasileiro, coloca-a como elemento característico, próprio da mãe-pátria e o classicismo dessa figura, aquela que, no caso, promove o cuidado com o país por meio do trabalho da mineração. Dialoga com o telespectador brasileiro, colocando-os como parte desse processo. Um outro aspecto das formações imaginárias da propaganda é a presença do logo da BAMIN, logo ao início da propaganda (Figura 2, abaixo), que ocorre após a imagem de um céu repleto de nuvens, o barulho do vento e os dizeres “e o sonho se tornou realidade” (BAMIN, 2021, 04s-07s). Esses elementos preparam o público para a propaganda, em um efeito cinematográfico, uma atmosfera de cinema e, simultaneamente, de descobertas. É como se o enunciador dissesse ‘apresento a vocês a empresa que realiza sonhos’. Na sequência, o logo da BAMIN e a extração do minério surgem como a concretização dos sonhos de uma nação. A empresa se coloca, desse modo, como institucional, pilar do mundo capitalista no país e, acima de tudo (posteriormente, na propaganda) como representante da mãe pátria. Tudo isso diz sobre as imagens dos sujeitos envolvidos no processo discursivo, e são mecanismos utilizados pelo enunciador para promover a adesão do destinatário.

Figura 2 – Cinema e instituição



Fonte: BAMIN (2021), *printscreen* elaborado pelas autoras (2023).

Dessa forma, as condições específicas de produção da propaganda também revelam suas condições externas: podemos observar o uso da terra como fator de crescimento econômico mostrado via propaganda governamental e de empresas já instaladas no território baiano com o discurso de desenvolvimento. A atmosfera cinematográfica, com o som de fundo e as nuvens iniciais, representam a visão ampla da BAMIN e sua atuação (o alcance dos céus, dos sonhos altos), operando como elemento discursivo crucial para o aspecto desenvolvimentista seja associado à referida peça audiovisual. Assim, é possível discorrer previamente acerca da formação discursiva em que a propaganda se insere. A logomarca da empresa revela o aspecto institucional da propaganda, não propriamente em termos governamentais, mas como filial da instituição capitalista. A exposição desse modo de produção ocorre por meio de um degradê de sentidos que se amarram ao nome BAMIN, fazendo dela um de seus pilares, e enaltecendo o capital. A associação entre terra, trabalho e a empresa se deslocam, caracterizam o capital e são relacionados, pelas formações imaginárias, ao cuidado e ao crescimento.

Como forma de reiterar os pontos expostos, é possível tratar de alguns excertos específicos dessa primeira parte da propaganda, e que se remetem às condições de produção e à formação discursiva em que o discurso da BAMIN se insere. No fragmento “hoje a BAMIN já é uma mineradora em operação e caminha em ritmo acelerado para ser uma das mais modernas mineradoras do Brasil e uma referência mundial em operações” (BAMIN, 2021, 12-24s), instaura-se o discurso de inovação, por meio do termo ‘modernidade’ que desloca seu sentido para novidade econômica, desdobrando-se em ‘referência mundial’. Promove-se, assim, o silenciamento da imagem da empresa anteriormente, haja vista que, “a BAMIN foi expulsa da bolsa de valores de Londres em dezembro de 2013, porque na época estava sendo investigada por corrupção e má gerência corporativa” (CPT BAHIA, 2021, [s.p]). A conduta administrativa duvidosa comprovase com o modo de lidar com os conflitos por água e terra nas comunidades quilombolas Antas e Palmito para a instalação do projeto Mina Pedra de Ferro (RODRIGUES, 2019) e os demais impactos socioambientais com outras comunidades que se posicionam na

linha de trajeto de exploração e escoamento do minério (CPT BAHIA, 2022). Na propaganda essas questões são silenciadas pelo discurso da inovação.

Juntamente com os dizeres acima elucidados, o enunciador ambientaliza o enunciatário (através das imagens) aos aspectos inerentes a produção mineral da empresa mostrando o processo de operação que iniciou em 2020, na Mina Pedra de Ferro, localizada no sudoeste baiano. Nesse sentido, aforiza um discurso de credibilidade ancorado a uma política de segurança na exploração mineral e seu conhecimento com a região, atrelado a inovação tecnológica da empresa apresentada na propaganda. O fragmento “caminha em ritmo acelerado para ser uma das mais modernas mineradoras do Brasil e uma referência mundial em operações” (BAMIN, 2021,0:16- 0:25s), mostra o discurso de trabalho e compromisso da empresa em ser referência no seguimento. Conforme Orlandi (2009), “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2009, p. 41). Nesse sentido, o adjunto adverbial de modo ‘em ritmo acelerado’ evidencia o discurso de recuperação da economia. A esse respeito, é válido esclarecer que a propaganda em questão está escrita no período da segunda onda da pandemia do Coronavírus em 2021 no Brasil.

Diante da pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, e o *lockdown* estabelecido para contê-la, os pilares capitalistas emergem com o discurso de que a economia não pode parar, em um processo que se configura como parte da tentativa de se abster dos efeitos disruptivos ao meio ambiente e, conseqüentemente, à classe trabalhadora, que o modelo capitalista tem produzido – como é o próprio caso da COVID-19. Nesse caso específico, trata de apropriar-se de um momento de crise sanitária (gestada pelo próprio modo de produção capitalista com a superexploração da natureza) para ajustar formas de ‘recuperar’ a economia. Gera-se o efeito, na propaganda, de que crise instaurada pode ser resolvida com o projeto da BAMIN, sobretudo, na Bahia. Tem-se uma formação discursiva capitalista operando discursos do trabalho e de recuperação econômica que se atrelam ao fazer político neoliberal, em que a partir de um flagelo sanitário oferece-se medidas para salvar a economia do país. É importante mencionar que, no Brasil, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro baixou o Decreto n.º 10.329, em abril de 2020, no qual a mineração é considerada uma atividade essencial durante o período pandêmico (BRASIL, 2020).

No excerto subsequente, “É aqui em Caetité que essa inovação na mineração brasileira vem crescendo” (BAMIN, 2021, 56-1:02), esse discurso continua sendo apresentado e está inserido na formação discursiva de política de segurança ambiental que movimenta os já ditos sobre os processos anteriores de mineração que ocasionou desastres socioambientais sem precedente. O substantivo ‘inovação’ produz efeitos de sentido de que o modelo minerador anterior ficou para trás, agora há tecnologias inovadoras no processo de exploração mineral e quem detém desse suporte é a BAMIN. Por isso, a população do alto sertão da Bahia está privilegiada no quesito segurança, qualidade e tecnologia avançada. No fragmento “o minério é extraído e beneficiado à seco” (BAMIN, 202, 1:03- 1:09), o enunciador leva o enunciatário para concretização da inovação: a extração mineral à seco. A mineração à seco é um recurso utilizado por

empresas de alumínio com fins econômicos no que se refere aos rejeitos de resíduos em sua produção (IBRAM, 2016). Nesse método, o rejeito fino “é adensado em espessadores até teores de sólidos elevados, acima de 50% e bombeado para um reservatório onde sua superfície é exposta à evaporação com o teor de sólidos crescendo até valores da ordem de 80%” (IBRAM, 2016, p. 23).

Noutros termos, o procedimento consiste na retirada dos minérios do solo com pouca ou nenhuma utilização de água, filtrado e empilhado à seco, substituindo o uso de barragens. Para o diretor-presidente do Instituto Brasileiro de mineração, Flávio Ottoni Penido, esse método é “importante caminho para uma mineração mais sustentável” (PENIDO *apud* CARVALHO, 2019, [s. p]). Um fator importante de ser aqui pontuado é que, na extração mineral, os recursos hídricos são os mais impactados. O processo impacta diretamente as reservas hídricas subterrâneas: “as empresas chegam e começam a tirar as cangas, que é a nossa cobertura das nossas serras [...] ela destrói aquele contexto para ter um aquífero que é o que possibilita que a chuva não vai embora” (TECA *apud* MÍDIA NINJA, 2013, 10m41s). Essas ‘cangas’ mencionadas designam os afloramentos ferruginosos que estão associados as formações ferríferas; elas são importantes recargas de aquíferos, “uma vez retirada essa camada permeável reduz-se significativamente a biodiversidade regional; além disso, há uma diminuição da capacidade de recarga dos aquíferos, podendo comprometer o abastecimento de água das localidades” (MILANEZ, 2017, p. 96).

Ainda conforme Milanez (2017), o modelo de extração mineral utilizado com incidência no Brasil é com minas a céu aberto. Para o processo de instalação é feito desmatamento da região, retirada de todo o solo fértil, que são acumulados em grandes pilhas chamada de ‘estéril’. A próxima etapa envolve cortes em blocos de dimensão padronizada em forma de degraus, e, posteriormente, é feita perfurações nesses blocos e uso de explosivos. “A detonação afrouxa os blocos, permitindo que escavadeiras mecânicas carreguem o material extraído em caminhões fora de estrada para as unidades de beneficiamento” (MILANEZ, 2017, p. 94). Desse modo, percebe-se que a modalidade à seco difere da outra apenas no quesito do beneficiamento: a que necessita de água envolve o uso barragens de rejeitos, pois precisará fazer a separação do minério; já a segunda, a seco, não (e caso faça, a quantidade de água é menor). Esse modelo, na propaganda, é trazido com uma mudança no campo mineral, sendo a BAMIN empresa pioneira na região a desenvolver tal desenvolvimento tecnológico. No entanto, o processo de mineração à seco não é uma inovação no setor mineral, esse modelo vem sendo operado pela Vale de forma gradativa, há anos, em outras localidades.

A narrativa de nova modalidade na extração de minério se intensifica após os crimes ambientais ocorridos em Mariana e Brumadinho, e se torna a principal tendência no setor mineral atualmente. Atrelado à política de segurança, o discurso de inovação produz efeitos de sentido de uma certa sustentabilidade mineral. Como assinala Pêcheux (2014) “toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ‘ao todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p. 148-149), desse modo, o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio,

o já dito, regido por formações discursivas específicas. Na propaganda, o discurso da mineração à seco como via de operação da BAMIN está sob a formação discursiva de política de segurança ambiental, alinhando-se ao discurso da inovação tecnológica no setor mineral e ao discurso econômico que estão entrelaçados aos já ditos do modo de atuação da mineração na história e também no modo de atuação empresa no Alto Sertão da Bahia. É possível discorrer mais sobre isso, a seguir.

O processo de implementação e instalação do projeto Mina Pedra de Ferro em Caetité-Bahia, apontado pelo objeto analítico, é marcado por conflitos. Um deles foi extensivamente debatido e se refere a barragem de rejeitos. Conforme assinala Rodrigues (2019), para essa construção, a empresa “pretende desmatar uma área de 719 hectares de vegetação nativa preservada, que possui 26 nascentes e pontos de recarga hídrica entre os referidos municípios” (RODRIGUES, 2019, p. 24). Além disso, historicamente, várias famílias ali habitam e produzem por meio do campesinato (RODRIGUES, 2019). Mediante a pressão popular e audiências públicas, o Ministério Público da Bahia, expediu uma nota de recomendação para a empresa não realizar implementação de barragem de rejeito na Área de Preservação Permanentes (APP). De acordo com a matéria, a promotora Luciana Khoury, autora da recomendação, argumenta que a instalação de barragem nesse local, “poderá trazer sérios impactos nas nascentes e em cursos de águas”, e ainda “acarretar sérios prejuízos ao modo de vida tradicional de comunidades de fundo e fecho de pasto que vivem na região” (KHOURY *apud* BRITO, 2017, [s. p]).

Diante das manifestações ocorridas, a empresa, em 2022, muda sua narrativa de operação. De acordo com as informações extraídas de uma reportagem do Brasil Mineral (2022), o diretor de projetos e implantação da empresa, Alberto Viera, reafirma a satisfatória conquista para o território baiano. Vieira avalia que a modalidade de mineração à seco a ser desenvolvida na Bahia primeiramente pela BAMIN, trata-se de um procedimento realizado sem a necessidade de barragem, o processo é feito por empilhamento de rejeitos à seco. Para ele, “além dos ganhos ambientais, o maior diferencial é, sem dúvida, nossa licença social, ou seja, como cuidamos das pessoas no entorno de nossos empreendimentos” (VIEIRA *apud* BRASIL MINERAL, 2022). Entretanto, cabe recuperar que uma reportagem concedida pela empresa, a qual reitera que na planta do projeto da empresa, há dois tipos de minério: a Hematita, que pode ser beneficiado a seco, e a jazida de Itabirito, que não pode. Para o Itabirito “é necessário o uso de água, já que atualmente não existe tecnologia testada para o beneficiamento à seco de grandes volumes, como é o caso da Mina Pedra de Ferro”. (BAMIN *apud* FALA VOCÊ NOTÍCIAS, 2019, [s. p]).

Isto é, apenas uma parte de produção será feita a seco e a construção da barragem de rejeito deve ser feita de qualquer modo. Em prol da manutenção do discurso da segurança, minimizando os efeitos discursivos negativos que a presença desse tipo de construção gera, a BAMIN afirma que na propaganda que sua produção será a seco, mas continua com a proposta da barragem de rejeito “prevê a construção de uma barragem de rejeitos [...] com coeficiente de estabilidade e segurança [...] bem acima dos índices exigidos pela legislação brasileira e práticas internacionais” (BRASIL MINERAL, 2022, [s. p]). Dessa forma, verifica-se que o discurso da sustentabilidade mineral como proposta para

credibilizar as ações da empresa estão atreladas ao seu *modus operandi*, sendo esse próprio do capitalismo. Os instrumentos argumentativos na propaganda são utilizados visando o crescimento econômico proporcionado pela mineração à seco, capaz de fornecer segurança e proteção ambiental. Os silenciamentos, nessa medida, atuam discursivamente sobre os aspectos ambientais (dado que a extração do minério com o uso de água irá ocorrer na segunda parte da extração), os impactos que isso acarreta para a população campesina local.

Verifica-se, portanto, que o discurso da primeira parte da propaganda se organiza dentro da formação discursiva do desenvolvimento econômico, por meio da oferta do valor do trabalho inserido em um modo de produção capitalista, mas não só: remete-se a uma face do capitalismo em seus mecanismos de reinvenção, em uma formação discursiva de segurança ambiental. Trata-se, portanto, de uma formação discursiva do desenvolvimento sustentável. A isso, os fatores composicionais que marcam o discurso de sustentabilidade na mineração irão tomar ainda mais forma, no segundo momento da propaganda, delineando um todo significativo. Porém, antes de tratar dessa relação, e do resultado do seu conjunto, é necessário, desmembrar a segunda parte da propaganda para mostrar como os sentidos nela são gestados e ocorrem de modo a corroborar com a primeira. É o que será feito agora. O seguimento em questão compreende de 1min. 54s da propaganda, até seu final. Para fins didáticos, serão utilizados recortes de alguns trechos da narração da propaganda que se entrelaçam com as formações imaginárias analisadas anteriormente e que mostram a produção do discurso da sustentabilidade na mineração.

Nesse segundo momento, as composições cenográficas se modificam, e o cenário áspero da extração do minério dá espaço para a presença de tons esverdeados e a presença de fauna e flora. Além disso, são apresentados funcionários trajados com uniformes da empresa com a produção de alimentos e de materiais para reciclagem. Para Orlandi “na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições” (ORLANDI, 2009, p. 36), o que funciona não são as posições empíricas, mas as discursivas operadas via formações imaginárias, “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem” (ORLANDI, 2009, p. 40). No caso, a empresa, inserida em um contexto de elementos naturais (árvores e animais) e de trabalho relativo à sustentabilidade (produção de alimentos e reciclagem), é representada imageticamente como a fornecedora de melhora da qualidade de vida, uma figura de cuidadora das economias de base e protetora do meio. Tal formação imaginária proporciona o efeito de confiabilidade por parte de um enunciário preocupado com as causas naturais. Enquanto isso, a narração prossegue: “a BAMIM sabe de seu papel catalizador, do desenvolvimento socioambiental nas regiões onde atua (BAMIM, 2021, 1:57- 2:04).

O fragmento vem a reiterar o que está sendo apresentado pelas imagens do vídeo, de modo que a presença do termo ‘socioambiental’ (englobando natureza e sociedade) não ocorre em vão: tem, o intuito de frisar o argumento do cuidado ambiental. A expressão se liga diretamente à relação do homem com a natureza que, conforme dito, no modo de produção capitalista é dado pelo trabalho, sob o qual o homem transforma o seu redor. Assim, o termo opera na construção do argumento de que é possível desenvolver sem destruir, extrair minério e ser, ao mesmo tempo, sustentável, e que a

BAMIN é o sujeito que proporciona tal acontecimento. A narração acrescenta, compondo a proposição: “Ela quer se tornar referência no fornecimento sustentável de minério de ferro” (BAMIM, 2021, 1:57- 2:04). Esses aspectos se ligam às formações imaginárias do momento anterior e a figura da empresa é, assim, afunilada, caracterizada com vestes do trabalho, desenvolvimento sustentável. Outros elementos verbais e imagéticos se somam em tal composição, dando-lhe mais corpo e reiterando as formações imaginárias que se estabelecem anteriormente, como as imagens utilizadas para evidenciar a relação da empresa com a natureza.

Figura 3 – Fauna e flora



Fonte: BAMIN (2021), *printscreens* elaborado pelas autoras (2023).

A primeira imagem que compõe a Figura 3 (*printscreens* da propaganda) trazem duas espécies tipicamente brasileiras: o pica-pau e o cacto. O pica-pau é “conhecido em praticamente todas as regiões do Brasil [...], no país existem quase 60 espécies no país pertencente à mesma família”, (TERRA DA GENTE, 2019); apresenta-se na propaganda como elemento típico nacional, conferindo efeito de brasilidade. A representatividade do pica-pau, encontrado em todo território nacional, tem o intuito de colocar a BAMIN como uma empresa com a cara do Brasil. Visa-se, deste modo, o objetivo anunciado pela empresa, o reconhecimento internacional. Já os cactos são plantas espinhentas que possuem grandes reservatórios de águas e crescem em regiões mais secas, com longos períodos de escassez de chuvas prolongadas. A Bahia é o estado brasileiro que possui maior diversidade de cactos, de modo que a presença dessa forma vegetativa tem como intuito a simbolização do estado baiano, incluindo-o em um contexto brasileiro. Os dois elementos expostos sequencialmente, no vídeo, cooperam para a composição da BAMIN como tipicamente nacional, símbolo brasileiro, inclusive, em quadro internacional.

O trajeto do minério na Bahia, exposto anteriormente, funde-se à essas imagens, em um movimento do micro para o macro (da Bahia para o mundo) – entrelaçando a narrativa de inovação na produção mineral – aquela que transforma o meio, mas também cuida. Em consonância a isso, tanto o pica-pau quanto o cacto são símbolos de resistência e perseverança – um, por seu árduo trabalho na construção de casas e, o outro, pela resistência aos períodos de seca. Essas são características que associam ao Brasil e à BAMIN, são tomadas para si pelo enunciador, colocando-a em uma posição de trabalho,

comprometimento e a segurança sobre esses aspectos. A formação discursiva da sustentabilidade mineral é, na propaganda, atravessada no excerto pelas formações imaginárias dos elementos da fauna e flora e produzem efeito de sentido de cuidado com meio ambiente, uma prática mineral sustentável, sem deixar de lado as práticas relativas ao trabalho e ao desenvolvimento, tornando-se, assim, diferenciada no setor mineral. Faz-se importante, mediante o exposto, enfatizar que sustentabilidade e mineração não são instâncias próximas, já que para extrair um minério do solo é necessário destruir toda estrutura geológica, iniciando com o desmatamento, afugentamento de fauna e explosões como explicado anteriormente. O local explorado torna-se improdutivo.

A modalidade à seco, embora tenha sido apontada pela mineradora como saída para uma exploração com mais compromisso com o meio ambiente, também apresenta problemas socioambientais. Os montantes, as pilhas de rejeitos que ficam alojados no local da extração, podem se deslocar para outros lugares pelo vento, pelas chuvas e esses resíduos são altamente tóxicos, pois há misturas de minerais que são impossíveis de serem separados. Moradores no entorno do percurso de operação de extração e escoamento do minério têm reivindicado os impactos sofridos e, para serem ouvidos, interditaram a BA 156, que faz parte do percurso de escoamento do minério da BAMIN, alegando os inúmeros problemas, entre eles, a poeira do minério em suas lavouras: “as nossas lavouras estão sendo prejudicadas pela poeira que assenta sobre as folhas e impedem as plantas de se desenvolverem adequadamente” (CARNEIRO, 2022, [s, p]). Para Lisboa (*apud* FALA VOCÊ NOTÍCIAS, 2022), os moldes de operação das empresas minerais seguem o modo de produção do capital que apropria do território, desvinculando-o de sua tradicionalidade e impõe um projeto em que se tem a superexploração do território ignorando seus modos de vida e produção que fazem uso há anos invisibilizando a economia existente na região.

Discursivamente, na propaganda, os impactos socioambientais são silenciados, enquanto se evidencia os elementos da fauna e da flora, e também pela presença das imagens de produção de alimentos e reciclagem. E a narração prossegue neste sentido, do desenvolvimento socioeconômico em associação à sustentabilidade. No fragmento “aqui, na Bahia, um novo momento para mineração no Brasil já começou, com novos investimentos, geração de empregos e prosperidade e melhoria na qualidade de vida de milhares de pessoas (BAMIN, 2021, 2:10-2:25), o substantivo ‘novo’, produz efeito de sentido de mudança. Ocorre como validação da proposta de renovação da produção, uma produção sustentável, compromissada com a qualidade de vida das pessoas e a rentabilidade econômica nacional e internacional. O discurso inovador é embebecido nos tecidos que estruturam a sociedade: qualidade de vida, emprego e cuidado com meio ambiente. Esses são pilares importantes na sociedade e eles são recuperados pela empresa na propaganda. A esperança manifestada pela estrutura tecnológica da empresa, apaga o passado da mineração para colocar em funcionamento o intradiscorso da inovação, da responsabilidade com as pessoas e com o meio ambiente.

Todavia, o campo de atuação da empresa não se encontra dessa maneira. Cabe apontar que na fase de implementação do projeto, a empresa expropriou as comunidades tradicionais quilombolas de Antas e Palmito para construção da Mina Pedra de Ferro. Conforme aponta Rodrigues (2019), o processo de instalação do empreendimento gerou

conflitos pelo uso e preservação das águas, expropriação de terras e áreas de uso coletivo que foram cercadas pela empresa: “após a chegada da empresa, os camponeses foram impedidos de usar as terras dos Gerais, que há mais de 60 anos faziam uso para a solta do gado; também não puderam entrar em áreas de nascentes que sempre fizeram uso” (RODRIGUES, 2019, p. 24). Para Rocha (*apud* MAUTHE, 2022) a Mina Pedra de Ferro é inviável, pois “representa um péssimo negócio porque ele faz sucessivamente estragos na economia que existe nessa região e na área onde está o projeto de minério de ferro” (ROCHA *apud* MAUTHE, 2022, 45s- 1min). Os já ditos dos impactos socioambientais sofridos pelas comunidades de tais práticas ditas sustentáveis, bem como o resíduo à seco – a pilha de estéril que é empilhada sem que seja feito o descarte adequado –, não são nem sequer citados na propaganda.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra em que se extraiu a epígrafe desse trabalho, Drummond ([1938] 1995) mostra, por meio da composição poética, a relação de disputa do território e os interesses antagônicos que a envolve, criticando o período da mineração em Minas Gerais, enquanto descreve todo o movimento de transformação da terra, dos bens naturais tomados por empresas multinacionais. O poema mostra todo processo de concretização do desenvolvimento via mineração, que faz parte da estrutura econômica do Brasil. Após anos, esse movimento de transformação da natureza em mais valia permanece, mas há rupturas discursivas que, ancoradas ao discurso de sustentabilidade, fazem emergir a modalidade de mineração à seco como resultado de uma política de responsabilidade ambiental, correlacionando-a ao discurso da inovação no setor mineral. Na Bahia, a Bahia Mineração Ltda. (BAMIN) apresenta-se como destaque na mineração, e traz a modalidade à seco como forma de cooptar com as necessidades de adaptação do modelo capitalista. Nessa perspectiva, a propaganda da BAMIN (2021) sobre a construção da Mina Pedra de Ferro busca apresentar um modelo inovador de produção que vai gerar empregabilidade, melhorar a economia do país, tudo isso com responsabilidade ambiental e social.

O discurso da mudança trazido pela formação discursiva da segurança e sustentabilidade é reflexo de um país que tem a vigência de um modelo de mineração à mercê de grupos econômicos externos. A maioria das jazidas de minério no Brasil são controladas por empresa multinacionais e sua produção destinada aos interesses econômicos do capital estrangeiro. Segundo Antonino (2017), o desenvolvimento econômico pela mineração está “a serviço desse modelo, tornando-o viável, mas também desastroso; priorizando-o em detrimento de outras atividades de interesse nacional, principalmente frente às demandas de reforma agrária” (ANTONINO, 2017, p. 4). Mesmo assim, a promoção do discurso da mineração sustentável é reforçada a cada excerto da propaganda para produzir o efeito de sentido de inovação e de sustentabilidade de modo que o interlocutor possa associar a empresa a um lugar de brasilidade e compromisso com a sociedade e com meio ambiente. A construção desse discurso fornece, à BAMIN, uma nova roupagem para que seja vista como a cara da Bahia e do

Brasil, referência nacional no ramo da mineração e, conseqüentemente, obtenha alcance internacional.

Simultaneamente, verifica-se, no objeto, o silenciamento dos aspectos referentes aos impactos socioambientais que cerceiam a atuação da BAMIN. O silenciamento tem intuito discursivo, ocorre propositalmente, uma vez as mazelas socioambientais da mineração se contrapõem a própria formação discursiva de política de sustentabilidade ambiental na mineração, que é o carro chefe da propaganda. Conforme Pêcheux (2014) a formação discursiva dissimula “na transparência de sentido, que nela se forma, a objetividade contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva com tal, objetividade material [...] que reside no fato de que algo fala antes” (PÊCHEUX, 1993, p. 149). Assim, as formações imaginárias que atravessam o objeto – aquelas relativas ao cuidado, à preocupação socioambiental –, e a formação discursiva da seguridade ambiental como pilar do capital ocorrem como vestes, ou seja, fazem parte do discurso da empresa, mas não se efetivam em sua atuação. As condições de produção do objeto revelam que seu interesse não está, em si, na modalidade sustentável, mas no ‘parece ser’. De qualquer forma, o avanço dos projetos do capital no campo se sustenta pelo uso da terra em mais-valia, ou seja, a terra é transformada em mercadoria (RODRIGUES, 2019).

Esse modelo vai de encontro com os modos de vida e produção camponesa que utiliza a terra para garantir sua renda (RODRIGUES, 2019) de tal modo que as incoerências entre os interesses empresariais (como os da BAMIN) frequentemente se opõem aos interesses da sustentabilidade e do campesinato. O modo de atuação da BAMIN não é diferente. Torna-se, portanto, crucial que seu discurso propagandístico (bem como de empresas similares) estejam repletos de supressões – supressões essas que marcam a luta de classes no campo e revelam a crueldade do capital –, através de escolhas verbais e imagéticas delineadoras de formações imaginárias que encaixam as empresas em formações discursivas propícias para o momento atual – em que o modelo capitalista precisa se reinventar para permanecer, pelo menos, discursivamente. De outro lado, a luta dos camponeses na permanência do território implica no enfrentamento desses silenciamentos do modo de vida e de economia existente nas comunidades invisibilizados para dar espaço em empreendimentos cujos impactos socioambientais são irreversíveis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D [1938]. *Claro Enigma*. 10. ed. Editora Record, 1995.

ANTONINO, L, Z. Mineração e espoliação territorial na Bahia. *In: VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária*, 2017, Curitiba. *Anais do SINGA*. Curitiba: 2017. Disponível em: https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt11_1506019582_arquivo_singa2017completo_lucaszenhaantonino.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CARVALHO, S. Rejeito a seco é tendência no setor de mineração. *Diário comércio*, 2022. Disponível em: <<https://diariodocomercio.com.br/economia/rejeito-a-seco-e-tendencia-no-setor-de-mineracao/#gref>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CARNEIRO, L. BA: Comunidades rurais ocupam rodovia contra impactos da mineração. *Brasil de fato*, 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/10/22/ba-comunidades-rurais-ocupam-rodovia-contrainc-imp-actos-da-mineracao>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

CBPM. Mineração nas alturas: arrecadação de CEFEM alcança R\$91,6 milhões em agosto e está prestes a ultrapassar toda a soma de 2020. *CBPM*, 2021. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/gkKWY>>. Acesso em: 13 jun.2023.

CPT BAHIA. Comunidades rurais de Licínio de Almeida-BA mantêm interdição da BA-156 e reivindicam audiência pública com a BAMIN. *Comissão Pastoral da terra Regional Bahia*, 2022. Disponível em: <<https://cptba.org.br/comunidades-rurais-de-licinio-de-almeida-ba-mantem-interdicao-da-ba-156-e-reivindicam-audiencia-publica-com-a-bamin%EF%BF%BC/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BAMIN. BAMIN Vídeo Produção ENG legendado. *Youtube*, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uMxCL_TuDeA>. Acesso em: 13 jun. 2023.

BRASIL MINERAL. Bamin terá disposição de rejeitos a seco em Caetité. *Brasil Mineral*, 2020. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/oLPQS>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

COELHO, T. P. *Projeto Grande Carajás: trinta anos de desenvolvimento frustrado*. Marabá, PA: Editorial iGuana, 2015.

COSTA, Maria Ivanúcia Lopes da.; MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa. A publicidade como ferramenta de consumo: uma reflexão sobre a produção de necessidades. *BOCC*, Portugal, p. 2-10, 2012. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=1994>>. Acesso em 16 jun. 2023.

BRASIL. *Decreto nº 10.329*. Altera o Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, que regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Brasília, DF, 2020.

BRITO, G. MP combate implantação de barragem de rejeitos minerais em Caetité. *Ministério público*, 2017. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/bjLT7>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DUARTE, R. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Mineração. *Gestão e Manejo de Rejeitos da Mineração*. Brasília: IBRAM, 2016. Disponível em: <<https://ibram.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Gestao-e-Manejo-de-Rejeitos-da-Mineracao-2016.pdf>>.

Acesso em: 20 jun. 2023.

FALA VOCÊ NOTÍCIAS. Geólogo que descobriu as jazidas de ferro de Caetité diz “que a BAMIN pode fazer a exploração a seco”. *FALA VOCÊ NOTÍCIAS*, 2019. Disponível em: <<https://falavoce.com.br/geologo-que-descobriu-as-jazidas-de-ferro-de-caetite-diz-que-a-bamim-poder-fazer-a-exploracao-a-seco/>>. Acesso em: 20 jun.2023.

FALA VOCÊ NOTÍCIAS. Comunidade de Taquaril dos Fialhos faz denúncia sobre a invasão da Vale do Paramirim em suas terras. *Fala você notícias*, 2022. Disponível em: <<https://falavoce.com.br/entrevistas/comunidade-de-taquaril-dos-fialhos-faz-denuncia-sobre-a-invasao-da-vale-do-paramirim-em-suas-terras/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

GEOGRAFAR. Banco de dados da Geografar/UFBA mineração na Bahia. *Geografar*, 2021. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/banco_de_dados_da_mineracao_2021_1.pdf>. Acesso em: 12 jun.2023

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault: o discurso e a arqueologia dos saberes. *In*: GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004. p. 65-110.

MAUTHE, M. Uma Breve História do Progresso. *Youtube*, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ReRCg5t0Afc>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MILANEZ, B. Mineração, ambiente e sociedade: impactos complexos e simplificação da legislação. *Ipea*. 2017. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Milanez-2017-Minera%C3%A7%C3%A3o-ambiente-e-sociedade.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Marianni et al. 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccineli Orlandi, 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. Língua, Linguagens e Discurso. *In*: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Orgs.). *Legados de Michel Pécheux*: Inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011. p. 63-75.

RODRIGUES, A. T. Sociedade, educação e emancipação. *In*: RODRIGUES, A. T. *Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.35-49.

RODRIGUES, F. O. *A tragédia fústica do capital no campo*: mineração e conflitos por terra e água nas comunidades camponesas de Caetité e Pindaí-Bahia. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

Disponível em: <<http://www2.uesb.br/ppg/ppgeo/wp-content/uploads/2020/02/disserta%C3%A7%C3%A3o-Fernanda-PPGEO.pdf>>.

Acesso em 20 jun. 2023.

TERRA DA GENTE. Conheça as mais de 50 espécies de pica-paus que vivem no Brasil. *G1*, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/google/amp/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2019/07/01/conheca-as-mais-de-50-especies-de-pica-paus-que-vivem-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. *Percurso linguístico*: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.